Quando tentamos penetrar o mundo dos pensadores relativamente tão recentes como os filósofos e os poetas do século 18, (para calcar pensadores mais distantes no tempo), raras vezes nos damos conta da fantástica diferença de dimensões entre aquele mundo e o nosso. O mundo de um Kant, um Hegel, um Goethe é tão reduzido em espaço e em tempo, se comparado com o nosso, que essa diferença quantitativa invade todos os seus aspectos, torna-se qualitativa, a isto de maneira tão inconsciente, que necessitamos de um violento esforço mental para ter-nos-lhe patente. Pois que esses pensadores nos dizem que o sistema de referência envolvente e macroscópico, isto é historicamente, obviamente em função desse mundo em minúsculo, isto é verdade até com problemas que aparentemente nada têm a ver com as dimensões do mundo. A monolodisso de Leibnitz, a existencialidade de Magatá Kant, as teorias estéticas de Schiller não se referem menos ao mundo reduzido que a filosofia de história de Hegel ou de Fichte. Se aplicarmos essas ideias ao mundo expandido dos nossos dias, se projetarmos sobre o nosso sistema de referências, émo uma desobrigação grotesca como a Grã-Bretanha não a Grã-Bretanha de projetar Nirvana.

Uma conversação nos-se com os pensadores do passado é portanto, a violar, violada por uma fonte de malentendidos básico, pelo desnível das suas sistemas de referência subjacentes. Em consequência, existem duas formas possíveis de conversação com os antigos: um é a nossa voluntária submissão ao sistema de referência do passado, a outra é a tentativa de tradução das vozes do passado para a linguagem de hoje. Ambas as dificuldades, porque exigem de nós o mesmo impossível: a saber a compreensão do outro sistema de referência e a força de vontade e da imaginação de o bordar-lo. A primeira forma de conversação, isto é o nosso olhar no passado, resultará em conhecimentos meramente documentalísticos, está inserido no edifício da preservação de uma conversa que não pode ser entendida. A segunda forma de conversar, isto é a desobrigação dos nossos meios para cá, para o hio e para o mundo, resultará em conhecimentos que podem ser aplicados em via de conversação, esse transporte, é um oxímoro de Dilthey, o verdadeiro e único papel do filósofo. Isto porque o hio e mundo, portanto o conjunto do atual e atual, em outras palavras o conjunto de realidade (etema = Virklichkeit), não passa, no hio, do conjunto de fenômenos históricos assim transpostos, transportados, traduzidos. Rende-se, como está vindo, de uma noção muito antiga e restrita tanto da história como de realidade, a confusão que não consigo penetrá-lo em toda a sua riqueza e profundidade. Tenho a impressão de que Dilthey atribui uma nova perspectiva sobre os problemas do filosofia geral, e que pneumo os elementos de um novo módulo do filosofizar, a que essa perspectiva ainda não foi explorada, mas foi nada a oportunidade e esse esforço de adaptar e que portanto Dilthey ainda portas este futuro. Ela representa, ao meu ver, um desnível à nova graça, dessa uma que agora lhes ligo.

Serei muito econômico, hoje, na minha tentativa de explorar os resultados das espessas dilatações, porque se considera a incógnita e a sua determinação, se comparado com a mentalidade em que elas brotam. Vou a demonstrar que, quando faixo em Husserl, disso a mesma coisa. Essa mesma tentativa de sistematização, seu, de forma orto, o relacionamento ainda inconsciente e que se achar na situação de um Kierkegaard há 50 anos, pretendendo portanto dedicar a maior parte desta noite à tentativa de iluminar os problemas que daram origem a essa mentalidade nua.

Em face das fantasias de dimensões entre o nosso mundo e o mundo dos pensadores do século 18. Falamos sempre de uma deslocação dos dias, e saber do teatro de uma mentalidade de um mundo intenso nas paisagens de uma massa, um tanto avela, que verdade, mas teria a ser substituído um torno força, um torno que não estiver de casa, mas existente, de um mundo de uma massa, uma massa nova, uma massa nova, de uma massa que tiveram os anos do século 18, e tudo que dissem e fizeram se referem a ela. Os seus esforços políticos são esforços de outro ordem em casa, por que as crises na família e colocar a disposição de cada subfamilia, chamadas nação ou classe (estado geral, como diriam eles), o seu respetivo querer, como o cost. Os seus esforços econômicos e técnicos são esforços para manter a massa em boas condições e equipar-la às suas tarefas. Os seus esforços científicos são esforços de descobrir o plano de construção de massa e eram construções da mesma forma de uma cultura, um arquiteto que quer harmonizar a mobilidade com o estilo da casa. A sua técnica a tentativa de descobrir os regulares e os móveis em fundo com uma corda da mesma corda, que habituava. A sua existencialidade é a tentativa de fundamentar racionalmente a sua posição...
tro do edifício cosmic e em face dos filhos da ciência. A sua mestaica e a tentativa de chegar pela janela afora e entrar em contato com aquelas forças benéficas e diabolicamente temprativas. A sua teologia é um foro de trevas, um prí de família e construtor de ânima, de mensa-lo e de desgraça, atribuir uma relação autêntica com os demais habitantes da casa, filhos do mesmo prí, e, portanto, visinhos de quarta. E a partir desse mundo, "co- sy", em miniatura que nos falou Kant e Hegel.

Tentem agora imaginar a nossa dimensão do tempo. Já que nossa unidade de medição é por força e massa de sempre, isto é a vida humana, faz a mínima diferença se a duração do mundo tiver fim fixado pela nossa ciência em um milhão ou um trilhão de gerações, será igualmente deshumana. Ele ultrapassa de longe o tempo de nossa capacidade de compreensão, como nossa capacidade de vivência é de imposição. Dada a limitação de vivência e de simpatia nos temos em comum com os nossos antepassados tão recentes como o seu ou seus há mil gerações atrás, para cobrir os nossos antepassados mais longínquos com o manto do silêncio in-diferente. O mundo, em sua antiguidade deshumana, não nos é adequado. Muito pelo contrário, ele tem dimensões absurdas e a nossa situação nela é absurdora. Já que somos jogados para dentro dele, não podemos ser incertos em face dele, ele nos cria e nós é imigro. Um construtor de um mundo assim, (se é que existe), não pode ser um prí no sentido familiar, não se parece conosco, é totalmente diferente. Este mundo, ao que diz de qual vivemos de nove a cinquenta, nos reveste novas faces sempre mais absurdas e portanto horribles, nos força a nos colocarmos nos outros, a procurarmos raio com antigo, para nos sermos esmagados, em breve, nos forçar ao existencialismo. Digo o que nos dizem os pensadores de século 15 sobre o âmago do mundo, sobre o progresso da humanidade dentro dele, sobre a fragilidade dos homens, sobre a sentimento da vida humana, nas passagens de "Catchword" ridiculamente inadéqua-do ao situamento no qual nos encontramos. A própria figura do Cristo, que para os pensadores passados, representava uma ceuaria na corrente das gerações, dividindo a história da humanidade, e portanto do mundo, no meio, marcando o centro dos acontecimentos entre o começo e o fim do mundo, não passa, para nós, de um padrão acontecimento recém-síndico, o qual, pela sua mera posição dentro da corrente do tempo, perde a sua significância central salvadora e deixa de ser a alegria dos homens. Díthley foi o primeiro a ver claramente essa relatividade histórica de todas as verdades, de compreender a sua horribilidade, e de se intrigar contra eles. Ele crê que há um método de atualizar Kant a Hegel, o Cristo e, criou um, o nébulo, tornar todo o passado atual e atuante, a dê forma a dar um sentido à vida humana; o que equivala dizer atualizar e tornar atuante (wirklich machen und verwirklichen) o divino. Este método é a tradução para o hie et mens, é a reinterpretção sistemática do passado em torno do presente. Esta reinterpretção é o uso que Díthley chamou de "Geisteswissenschaft", a ciência do espírito, e única que investiga a realidade, sob a luz dessa investigação Kant, por exemplo, aqíre um significado. Lido assim foi escrito, aceito a lilteral, ele não vessa de um enunciado de frases de interesse antiquário, sem significado. A reinterpretado e atualizado, ele se torna atuante e participa da nossa conversação de forma significativa. É difícil precisar de onde reside esse método e isto é, conforme creio, um grau de fato. Mas pensa com os meus botões que ele deve ser aplicado em conjun-to com o método fenomenológico para trazer resultados. Conforme que durante as quantas feitas do ano passado eu esforço por aplicá-lo e era por isto que preferir ter comrades e nomes de pensadores. Quando, por exemplo, me lembre em história tentou atualizar-lhe torna-lo atuante. Podem vocês julgar a eficiência do método, embora limitada pelos meus recursos restritos, pelos resultados por mim alcançados.
3

u. A história é o seu meio, um único sentido, a saber invaginar-se dentro do nosso espírito hio ou mun, para atualizar-se. Somente dentro do nosso espírito, assim integrada, a história tem significado. Na objetividade estrutural, história não tem significado. Pelando senhso stricto, fora do meu espírito e histórico, por isso, mundante, não há real (viril), já que não existe. Por outro lado o meu espírito não passa de uma história integrada e portanto suavizada. Por meio da história o meu espírito não tem realidade. A imagem que, crítico, Dilthey tinha em mente é aproximadamente a seguinte: A história é uma infinidade de fios, dentro da qual se distinguem os três fios mestres que acabam de mencionar, que convergem todos para o meu espírito para realizá-la. O meu espírito não é algo objetivo, e sim o ponto que surge quando esses fios se encontram. Quando este ponto é alcançado, portanto a história e a realidade, surge o Eu e a realidade. Da sua vertente resulta o da história e também a sua completação, e a sua mentalidade. O estudo de história é portanto, visto como investigação dos fios, o conjunto e a superposição das ciências naturais e, visto como investigação do ponto de convergência, é a psicologia perfeita e superada. Natural é a história em estudo nesse contexto, é o estudo da história é o estudo do universo da realidade e do espirito em sua forma atuante, e a verdadeira filosofia. Se é que entendem bem o pensamento de Dilthey, e se o deseja um novo fio, surge como que automaticamente, surge como que automaticamente, sua existencialidade, treza-se de uma existencialidade, de uma dia, da perspectiva, que está em conflito violento com a empiria das ciências naturais e a correta. As ciências naturais, com a metodologia indutiva não revelam senhas, nem capital de realidade, os resíduos da história, revelam, em outras palavras, justamente aquilo que não é histórico, os fenômenos repetitivos. Revelam, como diria Bergson, a irrealidade de gênero. O método do empirismo, mesmo das chamadas "ciências do espírito", revelam um conhecimento autêntico da realidade, porque revela a vivência da história, intuitivamente, como diria Bergson. Este método, no é, atores, o único legítimo existencialmente. Já, ainda, o método da ciência intuitiva e de intuição religiosa, que, além disso, revelam a realidade como história conciliada e atuante. Automaticamente surge também a sua ontologia. Trata-se de uma específica curiosa de identidade, dentro da qual a história tem o papel de vocação objectives. O conceito diltheiano está tema da história, não são tão distante de vociada objectuarianse. Não pode naverse à primeira vista, já que o tomanto diltheiano identifica repetidas vezes história com vivo. Surge assim automaticamente a sua etica e o seu conceito de liberdade. Os valores são relativos a situação atual e ambiental de condições de existência, não existe uma escala de valores objetivos. A liberdade consiste na minha responsabilidade de sintetizar a história não oficial e lhe dar forma ao meio ambiente. Como vocês verão em vez de, no crer que os efeitos são devido dilthey deixa mais pentes originais ou importantes. Ele é um entre os demais filósofos do vivo, pertence estou de propósito minimizando o seu sistema. Reperi que sua importância está em sua mentalidade e no método por ele proposto. Veja agora que foi um erro ver trecho de Bergson antes de Dilthey. Crítico que assim não agiu podem vocês avaliar o conceito bergsoniano da cultura, da razão e da insuficiência, da consciência diltheiana. Crítico, extraçando, o que Bergson não considerou Dilthey e não consegue a mesma diltheiana. Da pouca, em particular, Spengler e Toynbee avaliarmos a força inerente neste nosso conceito da história e da historicidade. Existe entretanto um consenso, o gênero de dilthey, Misch que, para mim, revela a enorme riqueza do mundo diltheiano em um livro: As origens da filosofia. No seu trecho, como se percebe mais nítida, de uma simples tentativa de explicar os sistemas filosóficos do mundo, sintetizando-os selectivamente. Tentam-se reconstituir os elementos de pensamento dentro de uma Weltanschauung sistematizado e abstrato. A palavra "Weltanschauung" é uma inovação do romantismo, mas foi Dilthey que, pela primeira vez, lhe deu significado estraté- e. O que Dilthey nos oferece, não é tanto um sistema filosófico, mas uma Weltanschauung. A Weltanschauung finitamente ocidental e historicamente do começo de nosso século, uma Weltanschauung sistematizada dentro de historicidade. O materialismo, o idealismo objetivo e o idealismo da liberdade, não são substituídos, mas são tomados por causa de fazer transparentes, cerca revelar a sua validade historicidade, isto é pragmática. São filosofias pragmaticamente válidas, cada uma por si, e cada um juntando a outro, historicamente. no historicamente, historicamente. a sustentar a verdade pragmática de cada um, apresentamos e com os outros temas em conjunto, representar a verdade pragmática de cada um. Os representantes títulos do materialismo são, para Dilthey, Democrito e, contra, do idealismo objetivo Herodó-
De história.

to, Leibniz e Hegel, do idealismo da liberdade platônica, os cristãos e Kant. Cada um deles representa uma Weltanschauung ultracerrada. Tomados em conjun\-
to, reinterpretados dentro de meu espírito his et num, representam a minha Wel\-
schauung. Automaticamente, essa minha Weltanschauung, por filter a minha si\-
tuação histórica, é válida, é verdadeira.

Se compararmos esse conceito de história como uma convergência de todas as ten\-
dências acima mencionadas, a saber sobre o his et num, com o conceito objetivista
dígamos marxiano, temos Hegel e Marx, verificamos que a história em Dilthey se
torna vivência, torna-se identica com minha existência numa e simplesmente.
Eu sou um produto da história, e estou jogado dentro dela, ela me circunda. Hi\-
toria como? Circunstancia? Cirkumstance? Em Hegel o Marx a história consiste em um série
de "acontecimentos históricos" perdidos, os quais se conservam apenas a últi\-
ma sintese dentro do qual se encontra. (Só é coisa da simplificação dos pro\-
cesses históricos que estão dos pensadores astutinhos). Em Dilthey toda a his\-
tória está presente em mim, em toda a sua transparência núpciosa. Deve dizer que em\-
minha existência, em minha consciencia, os antigos gregos, é o Clio-Wagner, e a em\-
óbula primordial.

E o futuro? Al esté um paroxísmo que, faltando, pragmaticamente, representa um
título final. Ora, talvez consideravelmente, o futuro ainda de sua, vai qual\-
a morte, um Unding, não existindo pela sua "abstração" tempo, o porten\-
to não existe. Assim, se estiver sinceramente, o marx. Isso fico em brincadei\-
ria, mas quer dizer naturalmente, "ser" marx encontra fora a corrente da história, na esse minha ultima parte ser transformação e morte. Isso é de uma existência, já que não há método que devarificar a morte do meu eu. Como se vê, Dilthey já pragmatizando mais radical que Marx ou Levin.

A monumentalidade diltheyana é uma monumentalidade civilizada, tão tolerante quanto a de James, sobem sua antecedência visivelmente. Entretanto, uma monumental\-
de do sobrenatural. O seu início é mais curioso e substitui o sobrenatu\-
ral, o deus esté mais morto de mim, num. Ora isso não é perimido pelo reconhe\-

Deixo os leitores de seus próprios juízos de fé e de seus de Dilthey. Peço, gentilmente, que de um modo de lucir que não ficarais, (para falar objetivamente), e não no seu olho de jeito somos em conhecemos serem falso.